



Contos

Oliveira Paiva

9.93
49c
3

CONTOS

OLIVEIRA PAIVA

CONTOS

Organização de
BRAGA MONTENEGRO

Introdução de
SÂNZIO DE AZEVEDO

Capa de
ALBERON



PUBLICAÇÃO DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS • FORTALEZA • 1976

- A.C.L. -

BIBLIOTECA JUSTINIANO DE SERRA

FORTALEZA - CEARÁ

Reg. n.º

4255

19

76

869.9349

p 149c

v. 3

Contos de Oliveira Paiva

Quando Cláudio Martins, Presidente da Academia Cearense de Letras, acolheu a sugestão que lhe fizemos, no sentido de a entidade publicar em volume os contos que Oliveira Paiva escreveu para A Quinzena, em 1887 e 1888, antes que se percam irremediavelmente, apenas ouvimos falar de iniciativa desse teor através do Prefácio que Lúcia Miguel Pereira escreveu para o romance de estréia do autor de Dona Guidinha do Poço, e no qual dizia: "...e tenho notícia se cogita de recolher os contos anteriormente publicados em A Quinzena". (1)

Esse Prefácio foi escrito em 1960 e, de lá para cá, não mais tivemos notícia do empreendimento, senão quando nos esclareceu Braga Montenegro haver, há já alguns anos, copiado vários daqueles contos, tendo intenção de fazer o mesmo com os demais, para posterior publicação.

Copiamos os restantes e assim poderão os leitores conhecer doze contos do escritor, Patrono da Cadeira nº 25 de nossa Academia.

Seguindo a organização de Braga Montenegro, não foi aqui incluída "A Volta das Andorinhas", que figura n'A Quinzena, ano II, nº 1, de 15 de janeiro de 1888 e que é mais uma crônica: contemplando o renascimento da terra ao vir das chuvas após a seca, o poeta Antonico escreve. Não é outro esse poeta senão Antônio Sales que, efetivamente, no número seguinte da revista, assina um poema com o mesmo título, e dedicado a Oliveira Paiva...

Caso houvésemos recolhido mais esta página, seriam ao todo 13 os contos de Oliveira Paiva na revista do Clube Literário. Por que então (é o caso de perguntar) o mesmo Braga Montenegro, em substancioso ensaio sobre o escritor, dissera, entre parênteses, “desconhecemos outros além dos catorze publicados nesta revista”? (2)

É que o crítico do Correio Retardado incluía, entre as narrativas de Oliveira Paiva, “Um Episódio na Via Férrea”, que aparece n’A Quinzena, ano I, nº 11, de 15 de junho de 1887. Dessa narrativa, como de “A Volta das Andorinhas”, diz ele que “se constituem breves manchas impressionistas ou se esfazem como notícias tímidas que se não querem revelar”. (3)

Também Rolando Morel Pinto, em excelente estudo sobre o escritor, refere-se ao pretenso conto, chegando a dizer: “‘Um Episódio na Via Férrea’ não chega a definir-se como um conto.” (4)

Vimos que os dois ensaístas cearenses negam qualidades de conto ao episódio. É que realmente, ao que tudo indica, não se trata de um conto. Expliquemo-nos.

N’A Quinzena, ano 1, nº 10, de 31 de maio de 1887, inicia-se uma secção, “Estatuetas”: “Estatuetas I”, assinada por A. Martins (ou seja, Antônio Martins, um dos três Poetas da Abolição), há comentários sobre determinado poeta, sem lhe citar o nome e, no final, vem um soneto assinado pelas iniciais V.B. (certamente Virgílio Brígido); embaixo, o nome do autor da secção, A. Martins.

Ora, no número seguinte d’A Quinzena, i.e., naquele referido nº 11, figura no Sumário a secção (que não passaria do nº II) “Estatuetas” com o nome de A. Martins, mas, por descuido do tipógrafo, no corpo da revista temos o título, “Estatuetas II”, o comentário sobre um prosador, seguido de dois excertos, “Desceu aos Infernos”, sobre a comunhão dos presos da Cadeia Pública e o prefalado “Um Episódio na Via Férrea”, em que se fala da destruição de um trem pela multidão enfurecida. Embaixo, a assinatura Gil Bert. Deveria vir, em seguida, o nome de A. Martins.

Ora, *"Desceu aos Infernos"* é a parte final de uma crônica estampada no *Libertador*, em 6 de maio de 1886, assinada por Gil Bert, pseudônimo de Oliveira Paiva. Infelizmente não conseguimos encontrar, entre as páginas excessivamente estragadas da coleção da Biblioteca Pública, a crônica ou conto (se for o caso) *"Um Episódio na Via Férrea"*, do qual, sem dúvida, foi reproduzida apenas a parte final, como se fizera com a aludida crônica *"Desceu aos Infernos"* . . . Daí o caráter de indefinição a que se referem os dois críticos, ao falar no episódio.

Mas, a propósito do pseudônimo de Oliveira Paiva (Gil Bert, ou simplesmente Gil), Rolando Morel Pinto dá o esclarecimento decisivo: Dolor Barreira, em sua monumental História da Literatura Cearense, atribui a João Lopes o criptônimo Gil Bert, ao passo que Antônio Sales, nos seus Retratos e Lembranças, cita-o como de Oliveira Paiva. Quanto a Gil, não há dúvida: além de o próprio Dolor Barreira admiti-lo como de Oliveira Paiva, Rolando Morel Pinto transcreve trecho do *Libertador*, que revela claramente a identidade. Mas, quanto a Gil Bert, segundo o ensaísta, talvez a confusão esteja na interpretação da notícia com que o *Libertador*, em 16 de janeiro de 1887, saudava o aparecimento d'A Quinzena.

Nessa nota, depois de se falar no "redator principal do *Libertador*", que era João Lopes, termina-se dizendo: "E no primeiro (número) vem já a amostra, pois que se exibem em prosa e verso Paulino Nogueira, Juvenal Galeno, Virgílio Brígido e J. Serpa, não falando, por modéstia, no Gil Bert, chefe da nossa firma. / Viva A Quinzena, a quem desejamos muita vida, muita glória e assinantes a dar com o pau. Gil, Pery e Cia."

Leiamos o que diz Rolando Morel Pinto: "Ora, Dolor Barreira transcreve exatamente o mesmo trecho e é possível que tenha interpretado a expressão 'chefe de nossa firma' como uma referência ao chefe do jornal, que seria, então, João Lopes. Sabemos, entretanto, que numa firma comercial coletiva o nome do chefe normalmente vem em primeiro lugar." (5) E conclui lembrando que, nesse primeiro número d'A Quinzena, não há nada assinado por Gil Bert, e sim por Oliveira Paiva.

um conto; portanto, o Gil Bert a que alude a nota é o futuro autor da Dona Guidinha do Poço.

Na verdade, a razão estava com Antônio Sales, ao dizer: "Oliveira Paiva (Gil Bert), Antônio Martins (Pery) e João Lopes constituíam a firma Gil, Pery & Cia." . . . (6)

De nossa parte, notamos que Dolor Barreira, falando ainda da revista do Clube Literário, escreve: "Nela, outrossim, revelou-se o talento artistico de Oliveira Paiva, 'que, à primeira inspecção' — no dizer de Araripe Júnior —, 'se apresentava como um namorado das formas goncourianas', através desses contos que lhe opulentam as colunas: A corda sensível (sic), O ar do vento, ave Maria, O velho avô (sic), A melhor cartada, Pobre Moisés, que o não foste, O ódio, Variação sobre um tema de Buffon, A volta das andorinhas, Ao cair da tarde, De preto e de vermelho e A paixão, este último assinado com o seu pseudônimo — Gil." (7)

"A Paixão" traz realmente assinatura de Gil. Mas no Sumário da revista vem Gil Bert. Também é assinado Gil o conto "De Preto e de Vermelho", o que o historiador não menciona. "De Pena Atrás da Orelha", que foi omitido em sua lista, é assinado Gil Bert. Não o citou pensando talvez ser de João Lopes que, na verdade, nunca escreveu contos.

Na presente coleção, figuram: "Corda Sensível", "O Ar do Vento, Ave Maria", "O Velho Vovô", "A Melhor Cartada", "Pobre Moisés que o Não Foste!", "O Ódio", "A Barata e a Vela (fábula)", "Variação Sobre um Tema de Buffon", "Ao Cair da Tarde", todos firmados com o nome Oliveira Paiva, "De Preto e de Vermelho", assinado por Gil, e "De Pena Atrás da Orelha" e "A Paixão", sob o criptônimo Gil Bert.

Antônio Martins, na citada "Estatueta", diz, a certa altura: "Está ali um poeta, denuncia-o a perspectiva fisionômica, mas aborrecido das etiquetas da rima e do metro, fez o seu pensamento tomar o trem da fantasia e apanhar de pena em punho por uns milagres de fotografia instantânea paisagens e quadros de um vigor e naturalidade admiráveis." E, adiante: "Na lucidez do seu gênio a sua pena cintila na profundidade dos mais

ntidos sentimentos como nas anfractuosidades mais ásperas das análises psicológicas.”

E noutro passo: “Tem nas descrições dos mais ligeiros contos a tensão vigorosa de Zola e é no realismo que acentua gradualmente a correção do seu estilo.” (8)

Com efeito, o Realismo, que seria consolidado entre nós com o romance A Fome, de Rodolfo Teófilo, em 1890, já estava bem presente nas estórias curtas de Oliveira Paiva que, iniciando-se no verso, chegaria a publicar dois poemas abolicionistas, Zabelinha ou a Tacha Maldita, em 1883, e Vinte e Cinco de Março, em 1884, e optaria pela prosa, através de artigos, crônicas e contos, vindo a publicar, em folhetins do Libertador, em 1889, o romance A Afilhada, e deixando inédito o romance que seria sua obra-prima, Dona Guidinha do Poço, publicada 60 anos depois de sua morte, graças ao senso crítico de Lúcia Miguel Pereira.

Tratando dos contos de Oliveira Paiva estampados n’A Quinzena, diz Braga Montenegro: “O que logo se observa nessa produção breve, melhor abreviada ao poder de síntese a que propendia o estilo enxuto e incisivo do escritor, é a originalidade sem alarde, a força sugestiva dos símbolos, o inesperado da expressão valorizando os temas, estes muitas vezes perigosos pelo abuso do cotidiano.” (9)

Todos são unânimes em admitir que o escritor ainda não estava em pleno domínio de suas potencialidades criadoras ao compor os contos estampados n’A Quinzena. Se no romance A Afilhada, de 1889, estava distante da mestria com que haveria de criar sua obra máxima, Dona Guidinha do Poço, mais longe estava naturalmente nessas páginas de quase estréia (iniciara-se no gênero no Libertador, poucos anos antes), em que não poucas vezes o cronista abafa o contista.

Além de “A Volta das Andorinhas”, que não figura aqui, citemos “O Velho Vovô”, que nos mostra o autor falando na primeira pessoa, ao tecer comentários em torno do velho trapiche que se balança na maré cheia; “Ao Cair da Tarde”, em que um velho e um jovem fazem uma visita ao cemitério; “De

Preto e de Vermelho", cujo protagonista é um rapaz que dormita, passando-lhe pelos sonhos as imagens do baile carnavalesco da noite anterior; *"De Pena Atrás da Orelha"*, que é precisamente a continuação do precedente (o que evidentemente não foi notado por Dolor Barreira, que o omitiu de sua lista, como vimos), mostrando-nos o mesmo rapaz preparando-se desanimadamente para enfrentar a dureza do trabalho prosaico e estafante. Tanto um é continuação do outro que o segundo se inicia com o parágrafo

A vidraça tinha batido na casa fronteira, sacudindo um relâmpago pelo quarto adentro, e foi como a voz do patrão que o despertasse com todas as peripécias de um carão em regra.

Quando, quase no final do anterior, havia surgido este trecho:

Mas súbito um relâmpago fulge pela rótula da janelinha e segue-se a pancada estridente de uma vidraça que bateu no sobrado fronteiro.

Não se trata de contos exemplares, notando-se ainda o dedo do cronista em *"A Paixão"* ou em *"A Barata e a Vela"*, que o próprio autor subintitulou de *"fábula"*. *"Pobre Moisés que o Não Foste!"* é nimbado por certo hermetismo e tenta a alegoria mas, a nosso ver, sem muita felicidade. (Destaque-se o emprego de uma espécie de refrão, através da repetição de vários sintagmas, ao longo de todo o conto.) *"Variação Sobre um Tema de Buffon"*, de notas humorísticas, é prejudicado pela comparação final. Em suma: parte dessas estórias não é isenta do contágio da crônica e da chamada fantasia, gênero equívoco que grassou entre nós.

Mas, mesmo em páginas que não são das melhores, encontram-se trechos que atestam a força do ficcionista, como neste parágrafo de *"Ao Cair da Tarde"*:

O que ele sentia era assim como a boca da noite de um primeiro amor. Não julgava nada, sentia-se dormente, aspirativo, com disposições para chorar, contanto que houvesse esperanças de rir ao depois.

Em "O Velho Vovô" há frases como esta, aliás destacada por Braga Montenegro em "Evolução e Natureza do Conto Cearense":

Aquele ar sublime entrava-me pelas narinas!

São realistas as descrições, como em "De Pena Atrás da Orelha":

Pausadamente caminhavam os caixeiros, em número escasso a abrir as lojas. Ouvia-se espaçadamente grunhirem as lingüetas, rosnarem os gonzos, em um quase silêncio. Passavam rareados convalescentes para as vacarias; e distribuidores de pão com as cestas de vime ao ombro com a costumeira manta encarnada.

Há trechos de admirável impressionismo, como quando, em "Ao Cair da Tarde", citado, se vai movimentando o carro:

Passavam casas de amarelo, de branco, de azul, edificações em preto, espaços de muro, pomposos arvoredos de praças, passeios trilhados por gente domingã, e longínquos casebres de arrabaldes lá no topo esbatido das ruas...

Ou, no mesmo conto:

As habitações fugiam atadas umas nas outras...

Quer-nos parecer que *“Corda Sensível”*, *“O Ar do Vento, Ave-Maria”*, *“A Melhor Cartada”* e *“O Ódio”* são os melhores contos de quantos escreveu Oliveira Paiva, podendo mesmo redimir o autor de quaisquer falhas porventura encontradas nos demais.

É interessante observar que os contos aqui reunidos não se ressentem daquela linguagem científicista que prejudica muita página de nosso Realismo-Naturalismo; seria o caso de dizer que Oliveira Paiva fugia à regra, tanto assim que tal característica não empana a beleza de Dona Guidinha do Poço, seu derradeiro trabalho de ficção. Ocorre, porém, que em *A Afilhada*, de 1889 (posterior portanto aos contos d’A Quinzena), encontramos trechos que falam em *“átomos do sangue”*, (10) em *“florzinhas nos seus peíolos”*, (11) não faltando um parágrafo em que *“um pranto se acochava nas órbitas como a água na máquina hidráulica, as entranhas e os pulmões pareciam comprimir fortemente os músculos cardíacos”*, (12) e outro falando *“da xantofila e da clorofila das árvores”*. (13)

Como estávamos distante daquele passo de Dona Guidinha do Poço em que, escritor e não cientista, Oliveira Paiva diria admiravelmente:

O calor subira despropositadamente. A roupa vinha da lavadeira grudada de sabão. A gente bebia água de todas as cores; era antes uma mistura de não sei que sais ou não sei quê. (14)

Talvez não seja fora de propósito imaginar que *A Afilhada* (que, segundo se diz, iria sofrer revisão do autor, o que não pôde ocorrer) tenha sido pelo menos iniciada antes da época d’A Quinzena...

Dos quatro contos a que aludimos linhas atrás, cada um se destaca por um aspecto diferente:

“Corda Sensível” é um conto notável, erigido sobre um episódio doméstico, desses que pareceriam altamente antiliterários, mesmo a um autor realista: uma ratazana, presa numa

ratoeira, dá à luz uma ninhada de ratinhos, o que vem a comover até mesmo a truculência do coronel de quem ela havia roído o fardão.

Só um ficcionista de peso pintaria tão vivamente a farda enfiada no espaldar da cadeira:

A cor azul escura da casimira, sob a claridade noturna que enchia a sala, modelava macieza de veludo e fingia reflexos de roxo. Nas ombreiras do fardão poisavam as dragonas maciças, de grande gala, com o seu chuveiro de torçais de ouro; e na frente o papo se escancarava, deixando ver a tela de croché, com que se costuma proteger as mobílias. A um lado corriam-lhe os oito botões, cada um crescido como um olho de boi...

“O Ar do Vento, Ave Maria” é uma narrativa fantástica, ao mesmo tempo regionalista e folclórica, em que figura uma burra sem cabeça, ou burra de padre. (“Ar do vento”, é como se costumava chamar antigamente o que ainda hoje há quem chame de “ramo” ou “ramo de ar”.) Destaque-se desse conto o parágrafo seguinte, onde a segunda frase tem sabor algo rosiano:

Verberações de estrelas abrindo os olhos de fera. Me achava meio nada, meio ser. O horizonte não existia a tais horas senão para as penetrações luminosas, nascimento ou sepultação de algum astro. Não havia perspectiva.

“A Melhor Cartada”, escolhido para figurar na antologia O Conto do Norte, de R. Magalhães Júnior (Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira S. A., 1º vol., 1959), mistura o trágico ao cômico no imprevisto da ambigüidade na frase final:

E bateu na mesa com a mão cerrada. A carta saltou lá. Era o coringa. E ele embiocou de bruços como se o tivessem quebrado pelo meio. Os parceiros recuaram horrorizados, vendo aquele homem cair de repente para diante.

E o Teles, que voltava da varanda, namorando sua esposa, correu para o grupo. Apalpou com a esquerda o coração do Dionísio e com a destra consultou o pulso, e concluiu com a frieza de perito: — Não há dúvida. Bateu o trinta e um!

“O Ódio” tem em seu clímax uma cena violenta e bárbara: um escravo identifica-se totalmente com a onça que ele mesmo chega a libertar da jaula do barco, numa noite em que a embarcação se choca com outra. Mesmo sendo imolado pela fera, sente o negro que fizera um bem em libertar um ser cujo ódio era maior e mais potente do que o seu:

Nessa noite, o negro notou um lume que boiava no escuro do oceano, como um pirilampo; e o seu pensamento, que por uma certa simpatia de gênios e de condição costumava ater-se à onça presa, apegava-se agora a esse nonada fosforescente.

.....

O negro, sentindo que havia um perigo qualquer, volveu de novo o pensamento para o tigre.

Antegustava uma satisfação feroz, prevendo um belo horror de destruições.

Manoel de Oliveira Paiva (este o seu nome civil e não o literário, como tem figurado em seus romances) nasceu em Fortaleza, no dia 2 de julho de 1861, (15) vindo a falecer na mesma cidade, em 29 de setembro de 1892. Coursou o Semi-

nário do Crato, abandonando-o para seguir a carreira militar no Rio de Janeiro, onde se inicia nas letras. Voltando ao Ceará, com um início de tuberculose, dedica-se ao jornalismo e à campanha abolicionista. Enfermo, retira-se para o sertão, de onde sua obra capital, que não veria em letra de forma.

Editando-lhe os contos (escritos quando o autor contava de 26 para 27 anos de idade), e propiciando-lhes divulgação, acreditamos estar a Academia Cearense de Letras prestando mais um relevante serviço não somente às letras cearenses, das quais Oliveira Paiva foi destacado vulto, mas também à literatura nacional.

SÂNZIO DE AZEVEDO